

LARS KEPLER

STALKER

Tradução do sueco por Ana Diniz

O filme só foi levado a sério quando apareceu o primeiro corpo. Algum tempo antes, uma hiperligação para um vídeo no YouTube fora enviada para o endereço eletrónico geral da Polícia Criminal. A mensagem não continha texto nem remetente e era impossível de localizar. O funcionário da secretaria fizera o seu trabalho: abrira a hiperligação, visionara o filme, concluía que se tratava de uma brincadeira incompreensível, mas fizera o correspondente registo.

Dois dias depois, o mesmo filme fez reunirem-se três investigadores experientes num pequeno gabinete no oitavo andar da sede da Polícia Criminal em Estocolmo. O mais velho dos três sentou-se na cadeira giratória, que rangia constantemente, e os outros dois ficaram de pé.

A sequência de imagens que viram no amplo monitor durava apenas cinquenta e dois segundos.

Pela janela de um quarto, alguém filmara, com uma câmara trémula, uma mulher de cerca de trinta anos a vestir uns *collants* pretos.

Os três elementos da Polícia Criminal observaram os estranhos movimentos da mulher num silêncio embaraçado.

Para ajustar perfeitamente as meias ao corpo, a mulher parecia dar grandes passadas por cima de obstáculos inexistentes e em seguida baixava-se e erguia-se várias vezes, com as pernas abertas.

Na manhã de segunda-feira, a mulher fora encontrada morta na cozinha de uma pequena moradia em banda em Lidingö, na periferia

de Estocolmo. Estava sentada no chão, com a boca aberta num ângulo bizarro. O sangue salpicara a janela e a orquídea branca, no seu vaso. Vestia apenas os *collants* e o *soutien*.

Dias depois, a autópsia apurou que ela morrera da hemorragia resultante de múltiplas lesões perfurantes causadas por golpes desferidos com extrema violência na zona do pescoço e do rosto.

O termo «stalker» existe na língua sueca desde o princípio do século XVIII, inicialmente com o significado de vagabundo ou caçador furtivo.

Em 1921, o psiquiatra francês Clérambault publicou um estudo sobre um paciente que tinha uma relação amorosa imaginária. Este caso é considerado por muitos especialistas a primeira análise moderna de um stalker.

Atualmente, o conceito de stalker é aplicado a pessoas que sofrem de síndrome de perseguição, uma obsessão doentia que as leva a procurar vigiar constantemente outra pessoa.

Quase dez por cento da população é objeto de alguma forma deste assédio persistente, pelo menos uma vez na vida.

O mais comum é o stalker ter ou ter tido uma relação com a sua vítima. Porém, com bastante frequência, há um fator determinante de acaso, quando a fixação incide numa pessoa estranha ou em alguém que, por uma ou outra razão, se tornou publicamente conhecido.

Se bem que a maior parte dos casos não requeira quaisquer medidas, a Polícia leva a sério o fenómeno, pois a obsessão patológica do stalker tem uma perigosidade inerente. Tal como as nuvens que rolam entre os ventos ascendentes e os ventos descendentes durante os temporais podem começar a girar e transformar-se num tornado, também o movimento emocional do stalker entre a adoração e o ódio pode, repentinamente, assumir formas muito violentas.

1

São nove e meia da noite do dia 22 de agosto. Depois dos crepúsculos de sonho e das noites claras do pico do verão, nesta época o céu já escurece com uma rapidez surpreendente. Lá fora, do outro lado da entrada envidraçada da Direção Nacional da Polícia, a escuridão é total.

Margot Silverman sai do elevador e dirige-se para as portas de segurança no átrio. Veste um casaco de malha traçado, preto, uma blusa branca muito esticada sobre os seios e calças pretas cuja cintura, muito subida, toma a forma redonda da barriga em crescimento.

Sem pressa, aproxima-se das portas giratórias na parede envidraçada. O segurança está sentado atrás de um balcão de madeira, com os olhos postos num monitor. Câmaras de vigilância filmam todas as partes do grande edifício, vinte e quatro horas por dia.

Margot tem cabelo claro, de uma cor de madeira de bétula, preso numa trança grossa que pende nas costas. Tem trinta e seis anos e espera o terceiro filho. Os olhos brilhantes e as faces coradas dão-lhe um aspeto radioso.

No final de uma longa semana de trabalho, Margot dirige-se para casa. Fez horas extraordinárias todos os dias e por duas vezes foi admoestada, por estar a exagerar.

É a nova perita em assassinos em série da Polícia de Investigação Criminal. O homicídio de Maria Carlsson é o seu primeiro caso desde que assumiu funções como comissária.

Não há testemunhas nem suspeitos. A vítima vivia sozinha, não tinha filhos, trabalhava no departamento de *marketing* e comunicação

da Ikea e morava na pequena moradia em banda dos pais desde que o pai morrera e a mãe fora viver para um lar.

Maria costumava ir para o emprego com um colega que lhe dava boleia. Nesse dia, Maria não o esperava, como habitualmente, na Kyrkvägen. O colega foi à casa dela, tocou à campainha, espreitou, encaminhou-se para as traseiras e viu-a pela janela da cozinha. Estava sentada no chão, com o rosto esfacelado de golpes, o pescoço quase totalmente cortado, a cabeça pendente e a boca escancarada, num ricto estranho.

De acordo com o primeiro relatório da autópsia, há indícios de que a boca terá sido deliberadamente aberta após o óbito, mas não é impossível, pelo menos em teoria, que o ricto se tenha formado espontaneamente.

O *rigor mortis* inicia-se no coração e no diafragma, mas, ao fim de duas horas, já é detetável no pescoço e nos maxilares.

É sexta-feira, e a esta hora da noite veem-se muito poucas pessoas no átrio. Dois polícias de camisola azul-escura conversam de pé, e um procurador com um ar cansado abandona uma das salas destinadas à inquirição inicial.

Quando foi nomeada responsável pela investigação, Margot teve consciência de que havia o risco de ser excessivamente ambiciosa, de querer demasiado, de parecer presunçosa.

Teriam troçado dela se lhes tivesse dito que tinha uma intuição profunda de que estavam perante um assassino em série.

Durante a semana que passou, Margot Silverman viu o filme de Maria Carlsson a vestir as meias mais de duzentas vezes. Tudo indica que ela foi assassinada imediatamente depois de o filme ter sido posto no YouTube.

Margot procurou interpretar a curta sequência de imagens, mas não conseguiu identificar qualquer elemento com um significado especial. O fetiche das meias femininas não é invulgar, mas o crime propriamente dito não sugere qualquer inclinação nesse sentido.

O filme é apenas um pequeno fragmento da vida de uma mulher sem nada que a distinga. Vive sozinha, tem um bom emprego e prepara-se para sair, para uma aula do curso de desenho que frequenta à noite.

Não se sabe por que razão o criminoso se encontrava no jardim dela, se se tratou de um acaso ou se a ação foi planeada em pormenor. Mas, nos minutos que antecederam o crime, o assassino filmou-a e deve haver um motivo para isso.

Uma vez que enviou o *link* à Polícia, deve querer mostrar alguma coisa. Deve querer destacar algum pormenor nesta mulher, ou em determinadas mulheres. Ou talvez em todas as mulheres, ou em toda a sociedade.

Contudo, aos olhos de Margot, o comportamento e a aparência desta mulher não denotam nada de particular. Ela está apenas concentrada em pôr as meias na posição correta, com a testa franzida e os lábios um pouco estendidos.

Margot visitou a casa em Bredablicksvägen duas vezes, mas, principalmente, estudou as filmagens da cena do crime, tal como foi encontrada pelos técnicos forenses.

O vídeo do criminoso quase parece feito com amor, em comparação com o da Polícia. A exposição dos vestígios da selvática agressão nas imagens feitas pelos técnicos é implacável. A vítima, sentada no chão, de pernas abertas, sobre uma poça de sangue escurecido, é filmada de vários ângulos. O *soutien*, rasgado, pende num dos lados e vê-se um seio branco, pesado, sobre as pregas do ventre. Do rosto não ficou quase nada, além de uma boca aberta numa massa vermelha.

Margot detém-se, como por acaso, diante de uma taça de fruta pousada na mesa de apoio junto aos sofás da receção, lança uma olhadela ao guarda que está a falar ao telefone e põe-se de costas para ele. Depois de observar, durante uns segundos, a imagem do segurança refletida na parede de vidro que dá para o jardim no exterior, tira seis maçãs da taça e mete-as no saco.

Seis são de mais, e ela sabe-o, mas não conseguiu parar enquanto não as tirou a todas. Talvez Jenny possa fazer uma tarte de maçã, aquela receita com canela e açúcar caramelizado. O toque do telemóvel dispersa-lhe os pensamentos. No ecrã, surge a fotografia de Adam Youssef, um membro da equipa de investigação.

– Ainda não saíste? – pergunta Adam. – Diz-me que não saíste, porque temos aqui...

– Já estou no carro, na Klarastrandsleden – mente ela. – O que é que ias dizer?

– Recebemos outro filme.

A barriga começa a roncar, e ela põe uma mão por baixo da pesada saliência redonda.

– Outro filme... – repete ela.

– Podes vir cá?

– Vou voltar para trás – diz ela, começando a refazer o caminho.

– Pede uma cópia do vídeo para nós.

Margot teria podido simplesmente sair e seguir para casa, deixando a tarefa a Adam. Bastar-lhe-ia fazer um telefonema para lhe ser concedido um ano de licença de maternidade paga. E talvez o tivesse feito se soubesse como seria violento este seu primeiro caso.

O futuro ainda está na sombra, mas os planetas preparam-se para se alinhar de forma perigosa. Neste momento, o destino dela inicia o seu percurso sobre o fio da navalha.

A luz do elevador envelhece-lhe o rosto. A linha traçada a lápis nas pálpebras já quase desapareceu. Margot inclina a cabeça para trás e julga compreender o que os colegas querem dizer quando observam que ela é parecida com o pai, o anterior superintendente da Polícia Ernest Silverman.

O elevador para no piso oito e ela percorre o longo corredor com a rapidez que lhe permite a barriga volumosa. Ela e Adam ocuparam o gabinete de Joonas Linna na mesma semana em que, na Polícia, foi realizada uma pequena homenagem em sua memória. Margot não conhecia Joonas pessoalmente e não teve problemas em trabalhar naquele gabinete.

– Tens um carro rapidíssimo – diz Adam quando ela entra, dirigindo-lhe um sorriso recheado de dentes afiados.

– Bastante – responde Margot.

Adam Youssef tem vinte e oito anos, mas o rosto dele é redondo como o de um adolescente. Tem o cabelo comprido e usa a camisa de manga curta por fora das calças de ganga. Pertence a uma família síria, cresceu em Södertälje e jogou futebol na Division-1 Norra.

– Há quanto tempo é que o filme está no YouTube? – pergunta ela.

– Três minutos – responde Adam. – Ele está lá, neste momento, a olhar pela janela e...

– Não sabemos isso, mas...

– Eu acho que está – interrompe-a ele. – Está, quase de certeza.

Margot pousa a pesada mala no chão, senta-se e liga para os técnicos.

– Olá, é a Margot. Já mandaram o ficheiro de imagem? – pergunta numa voz tensa. – Ouve, eu preciso absolutamente de identificar um lugar ou um nome, ou o sítio, ou a mulher... Usem todos os recursos, têm cinco minutos. Façam o que quiserem, mas deem-me alguma coisa, e eu juro que vos mando embora logo a seguir para gozarem a sexta-feira.

Margot pousa o telefone e abre a tampa da caixa de piza que está em cima da secretária de Adam.

– Já comeste tudo? – pergunta ela.

Ouve-se o sinal de entrada de mensagem e Margot mete rapidamente um canto de piza na boca. Na testa formou-se-lhe uma ruga de impaciência. Seleciona o ficheiro e expande a imagem a todo o ecrã. Atira a trança para trás das costas, carrega no *play* e recua com a cadeira, para que Adam também possa ver.

A primeira coisa que aparece é uma janela iluminada que vibra na escuridão. A câmara aproxima-se lentamente, e as folhas das árvores raspam na lente.

Margot sente os braços arripiarem-se.

Uma mulher está de pé em frente ao televisor da sala e come gelado diretamente da embalagem.

Tem as calças do fato de treino parcialmente despidas, com um pé de fora, sem a meia.

Olha para o televisor, sorri de qualquer coisa e lambe a colher.

No gabinete, só se ouve a ventoinha do computador.

«Dá-me uma pista que se possa seguir», pensa Margot, observando o rosto da mulher, a beleza dos traços dela, os olhos, as maçãs do rosto, a curva redonda da nuca. O corpo parece exalar ainda calor. Chegou agora do seu *jogging*. O elástico das cuecas brancas está flácido, das lavagens frequentes, e o *soutien* vê-se através da camisola molhada de suor.

Margot inclina-se para diante, aproximando o rosto do ecrã. A barriga pousa nas coxas e a trança cai de novo sobre o peito.

– Falta um minuto – diz Adam.

A mulher pousa a embalagem de gelado na mesa diante do sofá e sai da sala arrastando no chão as calças de fato de treino presas no pé direito.

A câmara segue-a, desloca-se lateralmente, mostra uma porta estreita num alpendre e aproxima-se da janela do quarto, onde a luz se acende e a mulher volta a aparecer. Pisando as calças no chão, liberta o pé e atira-as na direção de uma cadeira de braços com uma almofada vermelha. As calças voam pelo ar, vão embater na parede por trás da cadeira e caem no chão.